**Aproveitando um momento histórico**

O grande imbróglio dos transportes que vivenciamos hoje – tema fulcral nesses dias sombrios no cenário brasileiro –, implica decisões políticas e econômicas que impactaram fortemente a estrutura da nação. Sempre tivemos políticas de governos, nunca política de Estado. Isso tem nos custado muito. E aqui aparece a responsabilidade da Educação Tecnológica nacional. Tal situação demonstra também a necessidade de que futuros e atuais cidadãos devem ter cada vez mais consciência da natureza da ciência e da tecnologia, principalmente para estarem aptos para tomar decisões políticas e sociais maduras. E que, para formarmos cientistas, engenheiros e tecnólogos conscientes de seu papel, tal preocupação exige fundamentação e um aguçado conhecimento das funções da ciência e da tecnologia. Essa preocupação não pode ser refletida apenas na mudança pura e simples dos currículos através de inclusão de disciplinas que se pensa possam solucionar esses problemas. A necessidade de conhecer o conhecimento implica novos enfoques na área do ensino tecnológico. Mas isso não se resume apenas em formar especialistas no assunto. É preciso, em conjunto, harmonizar uma gama extensa de fatores que levarão a uma postura diferenciada no ensino de tecnologia trabalhado nas escolas. É por isso que já é tempo de atacar o problema de forma madura e séria. Existe uma dificuldade enorme em mudar o comportamento de uma sala de aula – entenda-se aqui a relação existente entre professores e alunos. Mesmo que o professor adquira uma fundamentação mais apropriada sobre a natureza da ciência, a grande dificuldade se caracteriza pela sua postura perante a turma ao trabalhar esses conteúdos. Em última análise, nem sempre a melhor formação do professor implica melhoria do aprendizado de C&T por parte dos alunos. Uma saída seria reger o ensino de ciências nas escolas, ou direcioná-lo, por estudantes, professores, pais de alunos, comunidade científica, sistema industrial, movimentos trabalhistas e outros, o que pode fazer com que o caráter desse ensino tome rumos mais realistas em função das forças políticas dos diversos grupos envolvidos. Dessa forma, a relação entre C&T na escola e as ideias sobre C&T dos filósofos, sociólogos, historiadores, cientistas e professores ficariam sob a égide desse salutar confronto de forças. Isso reforça ainda mais a necessidade de o professor de engenharia – e de outras áreas – saber que ele também é um ser político e deve, para isso, se instrumentalizar nesse campo, que é muito mais amplo do que muitos julgam. Assim ele poderá interferir no ensino tecnológico através de uma formação consistente na filosofia da ciência, para mudar o ambiente, não só da sala de aula, mas de um contexto muito mais amplo. O ensino de engenharia tem a sua razão de ser assim tão fechado quanto costuma ser. Afinal de contas ele nasceu para suprir o homem de equipamentos e sistemas para o seu conforto e para a sua “luta” contra a natureza. Até muito recentemente, esse tipo de atividade marginalizava as questões relacionadas ao meio ambiente, a distribuição sociológica da população e mesmo a condição econômica do cidadão. Sua missão era estritamente ligada ao funcionamento dos sistemas técnicos. Os demais problemas, mesmo os advindos da inserção da coisa técnica no âmbito social, supunha-se serem competência de outros profissionais. Isso fez com que a análise de implicações contextualizadas da C&T fossem deixadas em segundo plano. Depois da mentalidade estabelecida, a dificuldade em mudá-la é muito acentuada. Momentos de choque social, como o atualmente vivido por nós brasileiros, são ricos mananciais para repensarmos as nossas ações. Quem sabe surge daí um foco de mudança de postura em relação ao ensino de C&T, mesmo que motivado pelo reconhecimento de desacertos internos ou pressionado pelas novas relações internacionais. O Brasil precisa acompanhar o movimento da história e demonstrar desenvoltura dentro deste novo cenário. O ensino tecnológico idem. É nesse viés que estão centradas as preocupações do NEPET, que, através desta página, procura trazer à tona tais reflexões.

**Prof. Walter Antonio Bazzo - Coordenador**

**Prof. Luiz Teixeira do Vale Pereira – Subcoordenador**

**walter.bazzo@ufsc.br**